



VESTÍGIOS: Diário Filosófico, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Tesseract Editorial, 2020. 84 p.

 **Alexandre Marzullo**

Mestre em Ciência da Literatura (Letras)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Rio de Janeiro/ RJ, Brasil.

marzullo.alexandre.musica@gmail.com

Para citar– (ABNT NBR 6023:2018)

MARZULLO, Alexandre. Resenha. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 63, p. 1-6, e19970, out./dez., 2022. Resenha. *VESTÍGIOS: Diário Filosófico*, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Tesseract Editorial, 2020. 84 p. <https://doi.org/10.5585/eccos.n63.19970>.

Em dezembro de 2020, o escritor, poeta, tradutor e ensaísta Marco Lucchesi publicou três livros inéditos: *Vestígios: diário filosófico*, tecido por aforismos; *Margens da Noite*, uma seleção de poemas do romeno Ion Barbu, organizados e traduzidos por Lucchesi; e *Cultura da Paz*, um livro de ensaios em prosa poética. Tais lançamentos simultâneos não são obra de um fortuito acaso: ao contrário, de certa forma constelatórios, o tríptico de obras parece pretender configurar um determinado autorretrato de Lucchesi; cada uma de suas terças-partes, assim, seria como um fragmento-matriz de uma obra maior, evocando o verdadeiro rosto do autor, ou, em sentido menos metafísico, sua bibliografia mais atual. É claro que, uma vez que cada um desses livros possui um escopo e uma concepção distintos e muito bem delineados, inclusive na própria forma de sua escrita – aforismos; tradução de poesias; prosa poética, respectivamente –, eles podem perfeitamente serem apreciados em sua exclusividade; e isto somente porque, dentro da inteligência crítica e poética de seu autor, cada uma de suas terças-partes, fractalmente, se abre em menores e ainda mais absolutos e inteiriços retratos do devir Lucchesiano, ainda que dentro de seus próprios limites. O procedimento é, sobretudo, ético: *tu n'es rien d'autre que ta vie*, como já disse Sartre. Pois bem: com tais considerações em mente, esta resenha se propõe a comentar sobre o livro *Vestígios*.¹

Em seu memorial *O Nariz do Morto*, Antonio Carlos Villaça – autor caro a Lucchesi – narra a descoberta de sua vocação: “o destino seria escrever – exatamente, precisamente,

¹ *Vestígios* foi lançado somente em e-book, pela Tesseract Editorial.



escrever para não morrer”.² De maneira semelhante, em *Vestígios*, Lucchesi estrutura sobre aforismos sua própria vocação poética: a *escrita* como leitura do mundo, e a leitura de si como sua *reescrita*: o autor escreve e se reescreve, porque se lê, e porque contempla as coisas, e assim existe, *moto perpetuo*. Este duplo movimento, claro, sugere uma dupla busca, que de fato está a nervo exposto no labiríntico *Vestígios*; ao longo de suas páginas, de um lado Lucchesi convive consigo mesmo; revisita seus próprios passos, sua formação, sua juventude; pergunta a si mesmo pelo seu rosto de ontem, e estranha o que encontra. E de outro, prepara-se para o desconhecido porvir, seu perene vir-a-ser, os desafios de hoje, e do amanhã; arregimenta forças: Artaud, Dostoievski, Hölderlin, Nietzsche, Kierkegaard, Platão, Plotino, Descartes, Wittgenstein, e tantos, muitos outros – faço injustiça ao iniciar uma lista –, são costurados, explicados, traduzidos pela caligrafia mercurial de seu autor. Lucchesi contém multitudes: as vozes de Nise da Silveira, Milton Freire e Rubens Correa, os muitos duplos, fragmentários, as ideias, os amores, os livros, a infância recuperada, seus pais, que lhe transmitiram a preciosa língua de Dante Alighieri, e assim lhe permitiram todas as outras, a camoniana grande dor das coisas que passaram... ressoa, ressoa o *basso ostinato*³ que guia o poeta. O que amas de verdade, permanece.⁴

É preciso asseverar, aqui, que a escrita aforística é um gênero literário difícilíssimo e tradicionalmente à *margem da noite* ocidental das ideias, esse grande céu escuro e estrelado a que chamamos, tradicionalmente, de conhecimento. Nesse sentido, a capacidade constelatória que os aforismos reúnem, em seu conjunto labiríntico, *singularmente dodecafônico*, não oblitera a potência de sua individualidade; ao contrário, a emancipa. De modo que sua fragmentariedade não deixa de ser um elogio da incompletude, como nos escravos de Michelangelo ou como na melhor parte da literatura *Frühromantik*; vestígios, ruínas: memória e esquecimento, ou alegorias para uma outra ordem de liberdades. Por tudo isso, por reunir reflexão e ato poético na mesma (e justa) medida, trata-se de um verdadeiro *diário filosófico*, um percurso de pensamento e de poesia, e que se nos exige fôlego, nos recompensa imenso. Literatura.

O adjetivo “labiríntico”, que reitero com ênfase, não é utilizado ao acaso ou por afetação do resenhista; segundo Ana Maria Haddad Baptista, a única forma de compreender, em sua abrangência, o conjunto de obras de Marco Lucchesi é através da concepção de uma “Estética

² VILLAÇA, Antonio Carlos. *O Nariz do Morto*, p. 39.

³ “Baixo obstinado” ou *basso ostinato* é uma figura musical da música pautada, clássica, para a presença contínua e ritmada de notas graves durante a execução de um compasso musical ou de uma peça inteira. Marco Lucchesi utiliza o termo em seu prólogo aludindo a uma imagem orgânica da coesão de seus escritos (cf. *Vestígios*, p. 13). A mesma expressão fora utilizada pelo autor no prólogo de sua obra *Carteiro Imaterial*, livro de ensaios publicado em 2016 pela Ed. José Olympio (p. 9).

⁴ POUND *apud* VILLAÇA, op. cit., p. 12 (tradução de Antonio Carlos Villaça).

do Labirinto, cujo fio de Ariadne é tecido pelo sublime. Fio de ouro que cintila. Eterno fascínio”.⁵ E como o *basso ostinato* de Lucchesi sugere, o segredo de seu sublime é musical, *quasi adamante che lo sol ferisse*:⁶

A Estética do Labirinto da literatura de Marco Lucchesi balança (...) a arquitetura do próprio labirinto, visto que a torna sonora e musical. Uma música que faz desmornar os territórios e tremer a arquitetura (...) do labirinto. Sob tal ótica, nossas convicções abrem-se e dividem-se em intervalos. O Fio de Ariadne, neste caso, lança, relança, dança e define uma flutuação. (...) Tempo e memória pendulares, caudalosos, sinuosos, indissociáveis. Memórias musicais. Silêncios! Intervalos! Instantes! Duração! Proliferam-se as variáveis. Inclusive, variáveis independentes. Sutis! Enganosas! Armadilhas arditas (...) que somente um leitor atento poderá identificar (...).⁷

A imagem de um “Fio de Ariadne” é preciosa em “Vestígios”, que, se não disfarça sua recusa a uma linearidade, também não prescinde de uma sugestão de *movimento*; de fato, seus aforismos parecem compor uma escrita ascensional, por paisagens cada vez mais rarefeitas. E sobretudo, críticas; autocríticas; investigativas e, conseqüentemente, dolorosas (“poesia: fogo, gesto, sangue, grito”, escreve o autor, a partir de Artaud). Mas se a imagem é ascensional (o último capítulo, não por acaso, se intitula “Céu Noturno”), e se a referência primeira e última, íntima, de Lucchesi é sempre *il summo poeta* – “fonte secreta no deserto por onde vago. Não me peçam água salobra!”⁸ escreve, sobre Dante Alighieri –, então o ponto de partida deverá ser, necessariamente, *ínfero*. E assim o é; após o belo e profundamente metapoético primeiro capítulo, denominado “Círculo de Leitura”, onde desvela sua defesa da literatura, chamando atenção para a mística criativa que o ato da leitura encerra – “o coral dos leitores, atravessando os séculos, amplia o rumor das batalhas de Homero”⁹ –, Lucchesi perscruta tanto os seus próprios abismos quanto a abissal contemporaneidade de nossas tantas pestes¹⁰ e impossibilidades. É evidente que a urgência do escritor é também a nossa urgência, e que algo de sua batalha nos importa intimamente; vivemos uma tragédia moderna (ou contemporânea), isto é, sem catarse (“um buraco no céu”¹¹ na lição de Pirandello, recuperada pelo autor), e Lucchesi, inquieto, se volta com força e ímpeto para ela; perscruta suas raízes e, como poeta-demiurgo que é, faz da ubiquidade do desespero o seu material de criação: *disegna*, com os “Grafites do Trágico”.¹²

⁵ BAPTISTA, Ana Maria Haddad. “Estética do Labirinto-Tempo-Memória na literatura de Marco Lucchesi”. In: *Estética do Labirinto: a poética de Marco Lucchesi*, p. 12.

⁶ ALIGHIERI *apud* LUCCHESI, *Vestígios*, p. 56 (a referência é o Canto II, 33 do *Paradiso*).

⁷ BAPTISTA, op. cit., pp. 12, 13

⁸ LUCCHESI, op. cit., p. 53. Obs.: deste momento em diante, todas as citações entre aspas serão notações diretas de *Vestígios*, a não ser que diferentemente apontado.

⁹ p. 17.

¹⁰ Faço uma alusão direta ao terceiro capítulo de *Vestígios*, intitulado “A Peste”.

¹¹ pp. 35, 36.

¹² Alusão ao quarto capítulo de *Vestígios*, intitulado “Os Grafites do Trágico”.

Mas, seja por graça do sublime ou pelo que for, sopram alívios na jornada. Variadas Afrodites pairam sobre o escritor: “(...) a terra é fecunda. Crescem flores novas e pujantes”, anota, no capítulo “A Poesia de Wittgenstein”.¹³ Lucchesi consulta Platão, e revisita sua afinidade com Plotino, “solitário, a server as primícias da contemplação”. E se reafirma como leitor-amante, como escritor de paixões, receptáculo do Ardor. Cartografa dimensões mais puras, mais líricas; oníricas: “Um mundo em ascensão. Desperta o sobrevoos de domínios transparentes. Esplende um sentimento vertical. Promessa de asas e altitude: Ἐπτερωμένοϛ.”¹⁴ O vocábulo grego indica um sentido de uma mensageria alada (asas nos pés), a qual possui, como em Novalis, uma finalidade sempre amorosa; no entanto, ela acontece na solitude, na paciência solitária de seu voo de si para si. E talvez seja esta a imagem do verdadeiro amante, se aproximando pouco a pouco da forma amada¹⁵: “O lema de Plotino: fugir de solidão em solidão (...) a nostalgia do Uno e as cercanias abissais”.¹⁶

Confesso que, conforme o livro avança, neste modo dialógico consigo próprio que o autor desenvolve, em altitudes cada vez mais vorazes ao longo de seus aforismos, um sentimento persistente de beleza me invade, com a lembrança do pungente e longínquo *Consolações da Filosofia*, escrito por Boécio no século V; percebo uma semelhança na postura ética de ambos os pensadores, em face do terrível desagravo. E como em Boécio, as musas indicam o caminho e oferecem apoio para Marco Lucchesi, que nos acena enigmático, certamente sorrindo entre livros e pianos, de algum lugar de seu gabinete ocidental:

A poesia de Wittgenstein não reside na elegância dos aforismos. Tampouco na distribuição dos volumes semânticos. Mas na ligação conceitual, quase inefável, que acerca as ilhas do *Tractatus* como um infinito arquipélago.¹⁷

Há mais do que um mero jogo de espelhos aqui; se o Fio de Ariadne em Lucchesi é sempre o sublime, a melodia secreta de *Vestígios* é a *convergência*: “Convergem treva e luz no coração. Demasiada luz. Demasiada sombra”.¹⁸ E mais além: “Não há distância em altitudes místicas. O que vai perto e o que vai longe se convertem”.¹⁹ Esta conversão das distâncias se traduz em *convergência de civilizações* na cosmogonia do autor – e eis aí sua derradeira Babel: *cultura da paz*. Arguto, Lucchesi percebe o lampejo de tais traços na obra de René Descartes; resgata o pensador e recupera suas virtudes, emaciadas pelo uso vulgar do termo “cartesiano”, elogiando seu “vasto projeto cultural”.²⁰ Faz todo sentido: a síntese de Descartes (a geometria

¹³ p. 65.

¹⁴ p. 50.

¹⁵ Cito, ladinamente, o próprio Marco Lucchesi aqui. *Vestígios*, p. 50.

¹⁶ p. 50.

¹⁷ p. 66.

¹⁸ p. 55.

¹⁹ p. 57.

²⁰ p. 60.

grega e a álgebra da tradição árabe) fala profundamente à própria história de Marco Lucchesi; nas palavras precisas de Marcia Fusaro, “poesia-tradução de mundos complementares.”²¹ E coerentemente, o aceno a Descartes acontece como um sussurro de futuro: em *Vestígios* é nítida a aproximação que Lucchesi faz, e com muita consistência, da matemática como expressão rigorosa, porque abstrata, da Beleza e, portanto, do intangível: “Infinito gera infinito”²². Tudo converge, e portanto tudo se contamina com tudo.

O ápice de *Vestígios*, seu *movimento final*, é “Céu Noturno”, o derradeiro capítulo. Depois de encarar as pestes, de desafiar diversos panteões, de conjurar o amor (sem a tentação simplificadora do famoso brocardo)²³, depois de rever “a vida inteira que podia ter sido e que não foi”,²⁴ e ainda assim, ter sido tanto, e com tanta estrada aberta para mais ainda; o que restaria ao escritor, ao retratista, ao matemático-em-formação, ao poeta-filósofo, senão as estrelas? “Pode-se perder tudo, desde que se continue a ser o que se é”, como ditara Goethe.²⁵ O Fio de Ariadne não nos abandonou: “Céu Noturno” é um capítulo completamente sublime, e é na realidade *o capítulo do lugar do sublime*. “Espanto e maravilha: irrompe a fresca madrugada nos ardentes domínios da insônia”,²⁶ escreve, sagitário, Marco Lucchesi. Abaixo, alguns dos *sublimes* aforismos finais do livro. E a pergunta lançada pelo autor, que repercute para o sensível leitor: *quem não suspira pela grande síntese?*²⁷

A intensa albedo de Júpiter capturou-me. O prodigioso alvor feminino. Tarefa de quem sonha é desenhar o céu.²⁸

A erótica do espaço em Itacoatiara. O insaciável abraço dos montes. A luz de Vênus frente a cercania dos corpos.²⁹

Amo as nebulosas de Órion e Cabeça de Cavalo. E o Saco de Carvão, em α da Cruz. Se me pedissem o endereço do sublime, diria sem hesitar M-8 e M-55. Fronteira de Escorpião com Sagitário.³⁰

²¹ FUSARO, Marcia. “A Flauta, A Lua e As Cartas”. In: *Estética da Labirinto: a poética de Marco Lucchesi*, p. 30.

²² p. 60.

²³ *Omnia vincit amor*.

²⁴ Bandeira, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*, p. 107.

²⁵ GOETHE *apud* VILLAÇA, op. cit., p. 12.

²⁶ p. 76.

²⁷ p. 78.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ p. 79.

Referências

BANDEIRA, Manoel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad, FUSARO, Marcia & LAURITI, Nádía Conceição (orgs.). *Estética do Labirinto: a poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: BT Acadêmica, 2019. e-book.

BARBU, Ion. *Margens da Noite* (seleção e tradução por Marco Lucchesi). São Paulo: Patuá Editorial, 2020.

CICERO, Antonio. *A Poesia e a Crítica: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LUCCHESI, Marco. *Saudades do Paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

LUCCHESI, Marco. *Os Olhos do Deserto*. São Paulo: Big Time Editora, 2019, e-book.

LUCCHESI, Marco. *Vestígios*. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2020, e-book.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O Nariz do Morto*. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1975.